

## EDITORIAL

É com imensa satisfação que trazemos à lume o primeiro número do nosso Dossiê. O Observatório de Conflitos foi criado com o propósito de estudar e difundir informações atualizadas acerca dos conflitos que deflagram no mundo contemporâneo. Ou, conforme as palavras do nosso portal: “o Observatório de Conflitos dedica-se a identificar, compreender, contextualizar e antecipar conflitos nacionais e internacionais, visando contribuir com a difusão do conhecimento sobre os conflitos contemporâneos.” Essa iniciativa visa preencher uma grave lacuna na informação disponível nos meios de comunicação de massa e a pouca atenção conferida aos conflitos mesmo nos círculos acadêmicos. De fato, embora os conflitos e a violência latente ou flagrante que os acompanha tenham um inquestionável interesse humano, são poucos os conflitos que rompem a barreira dos interesses dominantes representados nos *mass media* e ganham a devida visibilidade. Ademais, frequentemente, quando essa barreira é rompida, a origem histórica dos conflitos é omitida e as causas e interesses que os promovem deliberadamente ocultados. De maneira sórdida, os conflitos e os grupos humanos neles envolvidos são “naturalizados”, hipostasiados, e as decorrentes mortes banalizadas. Em suma, os conflitos são distorcidos e deturpados, estigmatizando os grupos envolvidos e transformando as vítimas do conflito em frios números que ocultam o sangue, a dor e o sofrimento de famílias dilaceradas. Entretanto, os interesses que sempre lucram com a guerra, ganhe quem ganhar, e por isso as fomentam, brincam alegremente com suas ações em Wall Street.

O Observatório de Conflitos almeja humanizar as vítimas, dando voz e visibilidade aos grupos envolvidos direta e indiretamente nos conflitos. Com esse objetivo buscamos “desnaturalizar” os conflitos, tratando-os como fenômenos histórico-sociais, tentando iluminar os interesses que operam por detrás das guerras e as perpetuam. Não deve causar estranheza, portanto, que 8 dos 9 estudos que ora apresentamos ocorram em ex-colônias europeias e a exceção deva-se ao atrito entre os movimentos recentes de expansão do capital europeu e os interesses russos na Ucrânia. Não obstante a acumulação de capital tenha deixado um indelével rastro de sangue da expropriação violenta de bens alheios, a violência e os conflitos adquirem novas e variadas formas: a brutal colonização europeia gerou, aguçou ou metamorfoseou conflitos ancestrais, amalgamando-os a uma

nova roupagem, investida de ideias e ideologias forjadas na Europa e empunhando a letalidade dos armamentos da era industrial.

Os contornos territoriais dos conflitos tratados nesse dossiê são um produto da expansão europeia, conquista e pilhagem do “novo mundo” ou o efeito do colapso de antigos impérios fraturados pelas guerras “europeias” do século XX. As fronteiras e o que elas incluem ou excluem são seus traçados artificiais. Burundi, Colômbia, Congo, Mali, Paraguai, Sudão e Uganda inscrevem-se no primeiro tipo; Líbano e Ucrânia, no segundo. Sequelas da pilhagem colonial, disputas étnicas e religiosas, conflitos ideológicos e interesses econômicos misturam-se em conflitos latentes ou flagrantes e em variados graus de violência. A disputa selvagem por recursos naturais e *commodities* de elevado valor – ampliada pelo vertiginoso crescimento chinês e as disputas que ele suscitou – e os efeitos catastróficos do colapso ambiental agravam e multiplicam os conflitos já existentes amplificando suas nefastas consequências em cada vez maiores e insolúveis crises humanitárias. Não há sinais de pacificação no horizonte. O nosso Observatório continuará atento aos Conflitos antigos e novos, acumulando um acervo de informações e análises que permitam a sua compreensão e, oxalá, o seu enfrentamento ou ao menos sua mitigação.

Eduardo Mei & Héctor Luis Saint-Pierre  
Coordenadores do Observatório de Conflitos